

JORNALISMO COLABORATIVO:
Processo de convergência de produção jornalística do caso
“Chacina de Belém”

Ana Paula Souza GAMA¹
Felipe Augusto Ferreira PEREIRA²
Renan Lobato dos SANTOS³
Arcângela SENA⁴

RESUMO

Neste trabalho, vamos refletir sobre o caráter colaborativo no telejornalismo, em que os telespectadores, além de serem consumidores de notícias, também assumem o papel de colaboradores na construção da informação. A intenção é verificarmos o processo comunicacional com o suporte de tecnologia *mobile*, tendo como *corpus* o caso “Chacina de Belém”, ocorrido em novembro de 2014, veiculado pelo Jornal Liberal 1ª Edição, da TV Liberal, emissora afiliada da Rede Globo no estado do Pará e o Jornal SBT Pará, do Sistema Brasileira de Televisão (SBT). O estudo terá como base as obras “A Ordem do Discurso” e “Arqueologia do Saber”, de Michel Foucault. Além do teórico francês, usaremos autores que tratam de conceitos como convergência, interação e cultura da participação, como Henry Jenkins, para assim entendermos o processo de colaboração do produtor/telespectador na produção de materiais telejornalísticos.

Palavras-chave: telejornalismo; convergência; Foucault; discurso; produção.

1. Introdução

A convergência de mídias assumiu o papel de reorganizar o método de comunicar. As mudanças ocorridas trouxeram consequências às áreas de produção jornalística, fato que causou uma adequação no modo de fazer notícia. Nota-se, portanto, que o processo de participação do telespectador com o produtor passou a fazer parte do cotidiano das redações. De acordo com Jenkins (2009), a convergência é um conceito antigo que

¹ Graduanda do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Faculdade Estácio do Pará. Email: apgama59@gmail.com

² Graduando do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Faculdade Estácio do Pará.

³ Graduando do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Faculdade Estácio do Pará. E-mail: renanlobato.rl@gmail.com

⁴ Mestre em Comunicação Social, coordenadora e professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, da Faculdade Estácio do Pará. E-mail: arcangela.sena@estacio.br

apresenta novos formatos⁵.

Mesmo sendo constantemente elucidada como um procedimento tecnológico que conecta várias plataformas dentro dos mesmos aparelhos, a convergência representa uma transformação cultural, pois os telespectadores, por exemplo, são estimulados a buscar e colaborar com novas informações por meio de diversos ambientes. Jenkins (2009) explica ainda que a convergência não deve ser entendida como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos e sim como a busca de novas informações e conexões de conteúdo por parte dos consumidores e suas interações.

Com o passar do tempo, o jornalismo e os setores de produção da notícia mostram uma mudança no processo do fazer notícia. Com isso, percebe-se que o telejornalismo já não é o mesmo. O desenvolvimento de uma nova comunicação instantânea, como *WhatsApp* e *Facebook*, causa a reestruturação nos meios de produção jornalística, como exemplo o telejornal, que constantemente se adequa às novas mídias.

Com a junção das mídias, atuais e tradicionais, ocorre a definição do termo convergência (JENKINS, 2009). Esse novo cenário propiciou transformações no telejornalismo, que passa a adquirir particularidades dos novos modelos. Diante disso, muda-se também o comportamento do público nos perfis virtuais.

Com o objetivo de analisar as interações e suas consequências no contexto de adequação, demos enfoque no estudo do caso “Chacina de Belém”, ocorrida em novembro de 2014, veiculada pelas TV Liberal, afiliada a Rede Globo, e TV SBT Pará, afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão.

O objetivo geral deste trabalho tem como base a compreensão do processo comunicacional da produção jornalística colaborativa do público/telespectador com o suporte da internet. No corpus⁶ da pesquisa, utilizaremos como objetivo de análise, o Jornal Liberal 1ª edição e Jornal SBT Pará, com ênfase na cobertura jornalística da “Chacina de Belém”, ocorrida em novembro de 2014 e veiculada dia 5 do mesmo mês.

Como objetivos específicos, vamos analisar critérios de noticiabilidade, com a colaboração do público; organizar critérios utilizados na relação da colaboração do

⁵ Tecnologia Móvel com acesso à internet e outros recursos computacionais por meio de dispositivos móveis, tais como, celulares, iPhone, iPod, iPad, notebooks, smartpads, dentre outros.

⁶ Coletânea ou conjunto de documentos sobre determinado tema; repertório ou conjunto da obra científica, técnica e/ ou artística de uma pessoa ou a ela atribuída.

telespectador e produção jornalística na cobertura da matéria “Chacina de Belém”; analisar o processo de apuração dos materiais colaborativos enviados pelos telespectadores. Além de verificar o modo de contato entre telespectador-produtor ou produtor-telespectador; analisar a matéria em questão no Jornal Liberal 1ª Edição e Jornal SBT Pará, com o intuito de identificar o modo de participação colaborativa do público. Neste experimento, busca-se compreender a responsabilidade do jornalista pela edição dos telejornais, ao apropriar-se da colaboração; evidenciar o modo como o telejornal constrói a participação do telespectador, além de observar a interação entre destinadores (jornalista) e destinatários (público), tendo em vista o modo de organização das reportagens e a linha editorial dos telejornais analisados.

Sendo assim, o trabalho propõe uma análise qualitativa, com o uso de uma metodologia que irá explorar e explicar com base nos dados adquiridos, com a proposta do entendimento do novo formato comunicacional interativo. Além do mais, conhecer o mais novo processo de convergência, já sinalizado como uma característica no jornalismo mundial. A parte empírica do estudo é voltada para o levantamento de informações coletadas através de visitas às emissoras para assim entender o processo de produção coletiva que envolve a relação produtor/telespectador.

A priori e de forma sistemática, o presente estudo está dividido em quatro seções: No primeiro momento, será apresentada uma contextualização do telejornalismo e suas transformações históricas no estado do Pará.

Em um segundo momento, vamos evidenciar as observações de Michel Foucault, especificamente nas obras “A ordem do discurso” e “A arqueologia do saber”, acerca do discurso empregado na colaboração do público/telespectador no processo comunicacional da produção jornalística da TV Liberal e TV SBT Pará, com isso, vamos analisar os enunciados que ganharam destaque em ambos telejornais e de que forma alguns conteúdos foram interditados e excluídos.

Em seguida, vamos expor o telejornalismo na era da convergência, conceito utilizado nesse trabalho, em que serão analisadas as transformações tecnológicas e informacionais com a reconfiguração da notícia na redação que se torna integrada. Seguidamente, colocaremos em destaque a discussão sobre interação no telejornalismo e o uso da internet. Nesse contexto, estudamos os conceitos entre interação e interatividade e expomos estudos relacionados à era da cultura participativa, emergente do processo que propicia a interação

entre a emissora e seus telespectadores conhecidos como atores sociais, colaboradores no processo de construção da informação.

Por fim, a última seção faz referência à análise empírica e o processo de interação no telejornalismo, especificamente na produção da matéria do caso “Chacina de Belém”, ocorrida em novembro de 2014 e veiculada pela TV Liberal e SBT Pará com o uso da internet, em busca de estabelecer parâmetros que permitam entender a influência dessa relação na produção e divulgação jornalística e como consequência verificar as contribuições para o telejornalismo no cenário convergente.

Com isso, o trabalho aborda a convergência no telejornalismo, algo que está cada vez mais presente na sociedade, haja vista que novos meios de comunicação surgem e, conseqüentemente, fazem com que os meios tradicionais trabalhem em conjunto com atores sociais. Além disso, cria expectativas para outras pesquisas acadêmicas. Temos a convicção de que poderemos contribuir e incentivar a continuidade do entendimento e investimento de pesquisas e ações que elevem o crescimento de outros profissionais.

2 OS PRIMEIROS PASSOS DA TV NO BRASIL

Componente presente no dia-a-dia da população brasileira, a televisão trouxe uma mudança na maneira de veicular a notícia. Para Ribeiro, Sacramento e Roxo (2010), a televisão tornou-se um importante elemento no cotidiano nacional. Desde o início de sua existência, foi se firmando como a mídia de maior impacto na sociedade brasileira e a principal ferramenta de informação da grande maioria da população do país, tornando-se parte da vida nacional.

De acordo com Sena (2015), mesmo com o avanço da tecnologia, de diversos dispositivos para a busca de informações e do crescimento no acesso à internet, a televisão continua sendo presença dominante nos lares do Brasil. De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia⁷, divulgada em 2015, cerca de 95% dos entrevistados afirmaram ver TV, hábito que independente de gênero, idade, renda, nível educacional ou localização geográfica, une praticamente todos os brasileiros. O resultado mostra ainda que a televisão é o meio de comunicação mais visto pelos brasileiros com 73%, o rádio segue sendo o

⁷ Disponível em <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

segundo meio de comunicação mais utilizado, mas variou em relação ao ano de 2014, caindo de 61% para 55%. Na terceira posição vem a internet, com 48% de usuários. Ainda de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia, divulgada em 2015, 79% das pessoas usam a televisão exclusivamente para adquirir informações. Um fato que também merece destaque é o uso de outros dispositivos utilizados ao mesmo tempo em que se assiste à TV. No mais, existe uma relação entre o costume de assistir televisão e realizar outras atividades. Segundo a pesquisa, o uso concomitante da televisão e da internet chega a 38%, presumindo que há algum tipo de convergência entre as mídias.

O sistema de televisão começa aparecer no ano de 1924, passando por inúmeras transformações que vinham desde a maquinaria pesada, de baixa definição e tela em preto e branco, até os aparelhos de altíssima definição, com formatos portáteis e interativos. Inovadora pela combinação de som e imagem em movimento, a TV expõe particularidades como meio massivo, conquistando grande diversidade de públicos e audiências.

A televisão é um elemento importante da vida cotidiana [...], é um fluxo que tem presença determinante; ver televisão contribui para o modo como os indivíduos estruturam e organizam seu dia, com respeito às suas atividades cotidianas e ao tempo, à hora de dormir ou de trabalhar. Atualmente, representa uma tecnologia insubstituível, podendo faltar algum [...] eletrodoméstico, mas a televisão é indispensável. (ALVARADO apud SOUZA; CARLOS 2004, p.23).

Observa-se então que as informações veiculadas por meio da TV têm atribuição de envolver o telespectador sobre qualquer acontecimento, já que ao ser transmitido através desse meio, o fato acaba se tornando referência de verdade para quem assiste. Apesar do aparecimento de outros dispositivos, a televisão ainda é um meio de muita relevância para a população.

Em suas teorias, Michael Foucault (2014) define o termo dispositivo como:

Conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Segundo Wolton (2012), a TV possui um sucesso de grande magnitude, além da transmissão duradoura e real da informação. Apesar das críticas relacionadas à má qualidade das programações, o indivíduo mesmo assim à assiste assiduamente.

A televisão surge no Brasil por meio da precursão de Francisco de Assis Chateaubriand e Bandeira de Melo. Implantada em 18 de setembro de 1950, surge PRF-3 TV Difusora, primeira emissora de TV no país e pioneira na América Latina.

Na década seguinte, o sistema televisivo alcançou a consolidação a partir da introdução do videoteipe (VT)⁸. Com o crescimento da tecnologia, foi possível atualizar as operações de edição, o que possibilitou ao telejornalismo um maior dinamismo dentro e fora dos estúdios. Pereira (2010) afirma que a utilização do VT trouxe melhora para os produtos televisivos e conseqüentemente para o processo de produção, permitindo com isso o alcance do material em diferentes países.

2.1 O SURGIMENTO DA TV NO PARÁ

Responsável pelo surgimento da TV no Brasil, Chateaubriand também insere no estado do Pará, em 1961, 11 anos depois da chegada da TV no Brasil, a primeira emissora de televisão, conhecida como TV Marajoara. Engana-se quem pensa que o envolvimento de Assis Chateaubriand com o Estado estava ligado apenas à TV. Em 1940, o “Jornal A Província do Pará”⁹ já fazia parte dos empreendimentos do empresário. Segundo Sena (2015), “Não há muita bibliografia disponível sobre este acontecimento. Os relatos disponíveis sobre a chegada da televisão em território paraense não dão conta dos conjuntos enunciativos das condições da inauguração em terras amazônicas”.

O novo dispositivo de comunicação trouxe para a população paraense muito mais que transmissões de imagens, trouxe também a possibilidade de novos empreendimentos e aproximação com o novo público. Por ser algo novo, o surgimento da TV no Pará foi tratado como um show, trazendo expectativa de progresso e modernidade para os paraenses.

Antes da TV se instalar no estado, a publicidade tratou de organizar o cenário para que a inauguração acontecesse como um show. A tática dos anúncios, enquanto uma nova forma de estabelecer um controle pelo inusitado, falava de uma novidade que traria para o Pará o que havia de mais moderno no país, àquele momento, o videotape. (SENA, 2015, P. 37)

⁸ Fita de material plástico fino que tem uma cobertura de partículas magnéticas, normalmente usava para o registro de imagens televisivas.

⁹ Jornal periódico fundado em 25 de março de 1876 em Belém, por Joaquim José de Assis. A Província do Pará circulou no período da borracha como jornal diário por 125 anos.

Segundo Sena (2015), no início, as transmissões não passavam de três horas de duração e tinham como protagonistas personalidades locais como Paes Loureiro, Maria Silvia Nunes e atores locais. A princípio, a produção das programações era realizada de maneira improvisada por profissionais que atuavam na área da comunicação, como rádio, cinema, teatro e afins.

Em um período de seis anos, a TV Marajoara foi a única emissora presente no Estado. Em 1967, surge a TV Guajará ocasionando a quebra do controle da TV Marajoara. Após nove anos, no dia 27 de abril de 1976, é inaugurada a TV Liberal, de propriedade do jornalista Rômulo Maiorana. Alguns anos antes do surgimento da TV, Rômulo Maiorana já possuía a Rádio Liberal AM e o Jornal O Liberal, criado com o propósito político e, em pouco tempo, se tornou um dos mais importantes jornais do norte do país. A cerimônia de inauguração contou com a presença de vários políticos e personalidades locais e nacionais, como o ministro das Comunicações, Euclides Quandt de Oliveira. Todos os discursos foram voltados para o mesmo ponto: a importância do surgimento da TV Liberal. O principal discurso veio do fundador da TV:

Senhoras e senhores: neste instante, com muita emoção, com muita alegria, com a consciência do dever cumprido e com o entusiasmo redobrado para prosseguir a nova caminhada entregamos ao povo paraense – ao querido e solidário povo do Pará – a televisão Liberal-Canal 7, sonho de ontem e realidade de hoje, que estará, como sempre estiveram e estão suas co-irmãs Rádio Jornal Liberal e o Jornal O Liberal e, em associação técnica e artisticamente à Rede Globo de Televisão, de Roberto Marinho e Walter Clark, a serviço da cultura, do desenvolvimento e do progresso do Brasil. Reverentemente, repetimos a palavra de Cristo: “não viemos para ser servidos, mas para servir”. (MEMÓRIA DA TELEVISÃO PARAENSE E OS 25 ANOS DA TV LIBERAL. BELÉM: SECULT; ORM, 2002; P. 97).

Em sua grade de programação a emissora direcionou um espaço que teria a informação como destaque. No dia 1º de maio de 1976 começa oficialmente o jornalismo da TV Liberal. Após alguns ajustes técnicos, o canal passou a produzir dois telejornais e, conseqüentemente, a exibi-los em seu conteúdo programático: o Jornal Hoje Edição Local e o Jornal Nacional Edição Local.

Com a programação que começava sete horas antes das demais concorrentes, a TV Liberal ocupou maior tempo no ar. Cinco anos mais tarde, a TV Liberal consegue expandir seu alcance para além dos nove municípios já contemplados no Estado, com a aquisição do novo satélite que possibilitava um sinal com maior amplitude.

Hoje, em sua produção local, a TV Liberal possui os telejornais Bom dia Pará, Jornal Liberal 1ª Edição e Jornal Liberal 2ª edição, o Globo Esporte edição local, além de dois programas semanais, É do Pará e Liberal Comunidade, exibidos no sábado e domingo, respectivamente. A emissora divide sua audiência com a TV Record, SBT, TV RBA, afiliada ao Grupo Bandeirantes, e TV Cultura do Pará, pertencente ao Governo do Estado. Grupo esse que obtém a audiência do mercado televisivo aberto no Estado. Encontrado nos canais 7 analógico e 7.1 digital, a TV Liberal transmite para cerca de 100 municípios paraenses.

2.2 O SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO – SBT

O surgimento do SBT também é considerado um momento histórico para televisão no Brasil, já que a primeira programação foi realizada ao vivo. Antes mesmo de alcançar as concessões das emissoras que posteriormente fariam parte da formação do SBT, desde 1976, o Grupo Silvio Santos detinha o Canal 11, conhecido como TV Studios (TVS). O Sistema Brasileiro de Televisão entrou no ar para todo o Brasil como Canal 4 de São Paulo no dia 19 de agosto de 1981. Anos depois a emissora se popularizou como SBT. Atualmente, o Sistema conta com emissoras próprias nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Pará e Rio Grande do Sul. A TV possui ainda mais de 100 canais afiliados distribuídos por todo cenário nacional.

O Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) possui uma história que por muitas vezes foi confundida com o fim da TV Tupi, na década de 1980. Liderando a Rede de Emissoras Independentes (REI), a TV Studios (TVS) e a Rede Record

Com a programação sutil, o canal 11 permanecia no ar em um período de 6 horas, de 18 horas até meia-noite. Em seguida, passou a entrar às 12 horas e estendia-se até a zero hora. Atendendo às exigências do Ministério das comunicações, um ano mais tarde, a TV passou a permanecer 18 horas no ar. Silvio Santos destaca o avanço da permanência da programação no ar.

Agora vejamos como a coisa se processa no setor de televisão. No início nós éramos concessionários de um programa de duas horas aos domingos, na TV Globo. Hoje estamos fazendo nove horas no canal 5, mais três horas às quintas-feiras no canal 4 (Tupi São Paulo), e mais duas horas aos sábados na rede Tupi de TV. Então, hoje, já temos, de programação ao vivo, quatorze horas, que é mais do que a programação ao vivo de qualquer outra emissora brasileira. (SILVA, ARLINDO. 2002. P 63).

Já com a intenção de se diferenciar das demais emissoras, Silvio Santos inseriu a exibição de filmes, fazendo com que fossem repetidos três vezes durante a programação.

Para Silva (2002), um dos principais diferenciais do SBT era disponibilizar um relógio em sua tela de programação, com o objetivo de informar ao telespectador o horário em que o mesmo começou a assistir.

Com as mesmas atrações da TV Studios, o SBT preenchia sua grade de programação com filmes, desenhos animados e programas de auditório. No mesmo ano da inauguração, o SBT lança em 18 de novembro o primeiro telejornal que faria parte da programação, o Noticentro, que configurou os 5% do jornalismo imposto pela lei.

Após especialistas apontarem uma diretriz para a emissora, em 1988, a mesma toma a iniciativa de realizar mudanças em seu perfil. Com isso, a TV passou a empregar mais qualidade à sua programação com a contratação de artistas renomados, além de investir no telejornalismo.

Por fazer parte do grupo de emissoras próprias do Sistema Brasileiro de Televisão, em Belém, o SBT possuiu a mesma programação que passara nas outras emissoras. Sendo assim, foi alugado no centro da cidade um espaço destinado às operações que transmitiriam as programações. Neste local já existia uma torre de TV, o que possibilitou a entrada do Sistema no ar no dia 2 de setembro de 1981.

Hoje, o SBT Pará possui em sua grade de programação duas produções locais. São elas: o Jornal SBT Pará e o SBT Esporte Pará.

2.3 DO ANALÓGICO AO DIGITAL

Entre os anos 1980 e 1990, a TV passa da fase analógica para a digital. Com o avanço da tecnologia, as emissoras se viram obrigadas a realizar a troca de seus equipamentos, com o objetivo de melhorar a imagem e som transmitidos, chegando portanto à era digital. No Brasil, a Rede Globo e a Rede Record foram as primeiras emissoras a transmitirem em formato de piloto o sinal digital no ano de 1998.

O jornalista Pedro Bial apresentou o Fantástico, de Paris, poucos dias antes do início da Copa, gerado do IBC, International Broadcast Center, em HDTV. Todos que assistiram em casa perceberam a diferença entre o formato 4x3 (sistema analógico) e o 16x9 (sistema digital) – mais largo do que o convencional. Privilegiados, somente os frequentadores de um shopping center de São Paulo, onde foram colocados aparelhos digitais,

viram as vantagens: nitidez da imagem, sem ruído ou fantasma, luminosidade, clareza dos detalhes e som similar ao Compact Disc. (PATERNOSTRO, 2006, p.31).

A imagem obtida no sistema digital é uma das principais diferenças em relação ao sinal analógico, já que o mesmo possui interferências que causam falhas na nitidez das imagens, devido bloqueios entre antena e torre de transmissão. Entretanto, a transmissão do sistema HDTV¹⁰ permite a digitalização das imagens, o que não interfere na qualidade da imagem recebida pelo telespectador.

Além da tecnologia que propiciou a troca dos equipamentos, o grupo funcional envolvido diretamente com sistema analógico precisou se adequar às transformações para garantir uma nova demanda. De acordo com Santaella (2003), o principal meio que obtém o poder são os dígitos, pois os mesmos são responsáveis por tratar toda informação, seja ela visual ou sonora, com uma linguagem universal.

Com a inserção de tecnologias eletrônicas, o modelo jornalístico sofreu mudanças, tornando possível o uso de microfones sem fio, as câmeras deixaram de utilizar fitas e passaram a usar cartões de memória, além de outros equipamentos que possibilitam a realização de “links”¹¹ de repórteres. Diante disso, as transformações alcançaram as redações.

A tecnologia digital transformou a montagem (montagem e edição são sinônimos nesse texto) e, conceitualmente, sua estética, mas a velocidade da edição computadorizada permitiu que a decisão criativa chegasse mais rapidamente do que a antiga tecnologia da montagem. Usar tecnologia para construir imagens técnicas é uma prática tradicional na edição dos telejornais, o novo é que o processo tecnológico é digital, pois a imagem ao ser reduzida a uma combinação de algoritmos aumenta exponencialmente a capacidade de manipulação e põe fim às limitações de construção da realidade apresentadas pela tecnologia analógica. (CABRAL, 2009, p.181).

A digitalização permitiu ao jornalismo uma maior realidade e mais proximidade com o público. O fazer digital proporcionou a utilização de programas de computação gráfica, além de representações de imagens em três dimensões, fazendo que os apresentadores não necessitem ficar em estúdios.

A utilização da internet ligada à televisão garante ao telejornalismo a possibilidade

¹⁰ É um acrônimo para o termo em língua inglesa *high-definition television*, é um sistema de transmissão televisiva com uma resolução de tela significativamente superior as dos formatos tradicionais.

¹¹ Termo técnico que indica a entrada ao vivo do repórter, do local onde acontece a notícia.

de caminhar para a modernização digital. As transformações das redações tradicionais, em conjunto com a internet, proporcionam rapidez, praticidade e corte de gastos desnecessários na cobertura de fatos jornalísticos. Com o avanço da tecnologia e a rapidez de acesso à rede, os profissionais do jornalismo passam a contar com a possibilidade de estar presente no local do acontecimento, entrevistar possíveis fontes e passar o material para edição ainda na rua.

3. CONVERGÊNCIA NO TELEJORNALISMO E AS TRANSFORMAÇÕES MIDIÁTICAS

Com o surgimento da convergência de novas e tradicionais mídias, a televisão passou por mudanças ocasionadas pelo avanço e expansão da internet, fato este que vem transformando os hábitos dos telespectadores.

Agora, a convergência ressurgiu como um importante ponto de referência, à medida que velhas e novas empresas tentam imaginar o futuro da indústria de entretenimento. Se o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de forma cada vez mais complexas. (JENKINS, 2009, p. 33).

Por serem incentivados a alcançar novos conteúdos em diferentes espaços, o público passa por uma transformação cultural, movido pela convergência, que por muitas vezes é entendida apenas como um procedimento tecnológico que conecta diversas plataformas dentro dos mesmos dispositivos. De acordo com Jenkins (2009), o processo de convergência não pode ser somente visto apenas como uma junção de diversas tecnologias dentro dos mesmos aparelhos, mas sim como uma nova maneira dos consumidores interagirem e procurarem novas informações.

Mesmo sendo constantemente relacionada ao avanço da internet, a convergência já é tema de discussão desde o século XVII, por ser associada a diversos ramos do saber, como a economia, matemática, além da biologia e ciência política. No decorrer da década de 60 até 70, a palavra era inserida no cenário da digitalização. Um dos pioneiros no uso do termo, o cientista americano Nicholas Negroponte, começa a apontar a união da convergência com o conjunto dos meios de comunicação de massa, como jornal, rádio e televisão.

Com o crescimento do ciberespaço¹² surgiram dúvidas em relação ao futuro das

¹² Espaço existente no mundo de comunicação em que não é necessária a presença física do homem como fonte de

mídias tradicionais, como televisão, rádios e jornais, pois a internet conseguiu levar para o público a possibilidade de consumir informação e entretenimento ao mesmo tempo, além de proporcionar a produção de novos materiais. O que acompanhamos hoje é uma produção simultânea entre meios tradicionais e atuais, no qual ambos interagem em plataformas diferentes.

A convergência pode ser explicada como um fator que transforma a ligação entre as ferramentas tecnológicas e o público filtra o conteúdo. Nota-se, portanto, que o ciberespaço possibilita a interação entre os meios de comunicação, sem a necessidade de substituí-los. Conforme afirmam Grusin e Bolter (1999), os novos meios se apropriaram de particularidades dos veículos que os antecederam, o que contribui também na modernização dos atuais. (DUARTE; CASTRO, 2010).

Com a interação mais ativa e interativa do público, o conceito de convergência midiática ganha novos adeptos e, conseqüentemente, novos rumos. Conceito este considerado como um fenômeno da cibercultura¹³, modificando a mídia tradicional. Para Santaella (2003), o público converge para a construção de um novo meio de comunicação, pensamento e trabalho, ocasionando o aparecimento de métodos híbridos que atuam de maneira veloz.

As mudanças tecnológicas provenientes da convergência no âmbito jornalístico mudaram não apenas os equipamentos, as mudanças também partiram da facilitação das produções jornalísticas por meio de ferramentas textuais, editores eletrônicos, consulta a fontes, informações e pesquisas com intuito de apurar materiais. O que nos mostra que a convergência no meio comunicacional é vista como uma alavancagem dos meios tecnológicos, garantindo mudanças nos campos do jornalismo. A convergência é oriunda do contexto midiático e provoca transformações nos elementos comunicacionais das produções integradas, tecnológica e audiência nas instituições de comunicação, possibilitando inovações no jornalismo contemporâneo.

A convergência no telejornalismo nos faz pensar as fases que a televisão percorreu, dispositivo fundamental do nosso estudo no cenário tecnológico, haja vista que o surgimento de novos meios tecnológicos obriga com que os meios tradicionais se adaptem.

relacionamento, dando ênfase ao ato da imaginação, necessária para a criação de uma imagem anônima, que terá comunhão com os demais.

¹³ Forma sociocultural que advém de uma relação de trocas entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônicas.

É comum notar que as características das novas mídias passam a coexistir com as existentes, que em diversos momentos possibilitam a apropriação de características de um meio para o outro. Para Castells (2003), tanto a internet quanto a televisão agregaram elementos típicos que as relacionassem.

É notável perceber as mudanças pelas quais a televisão passa e o modo com que o compartilhamento da informação é transmitido. Hoje, a televisão trabalha em conjunto com as novas mídias e, conseqüentemente, absorve características hipermidiáticas¹⁴. A possibilidade de entrar nos lares como agente de comunicação pública garante à TV não apenas o gerenciamento dos meios de entretenimento, mas também ser utilizada como ferramenta de transporte de informação para a sociedade.

A convergência remodela tudo: da linguagem à organização das empresas, que estão revendo seu plano de negócios e reorganizando seu modelo de produção. Uma tendência crescente no mundo da convergência é o desenvolvimento de produtos e serviços cruzados entre empresas de diferentes setores da indústria de comunicação e entretenimento. Uma imagem produzida originalmente para cinema pode, com a tecnologia digital, ser exibida também no celular. Isso faz que as obras sejam, desde o início, concebidas com uma linguagem adequada a várias saídas, ou com conteúdos extras que possibilitem ações *cross media* (mídia cruzada) ou *transmídia*. (CANNITO, 2010, p.84).

Ao apropriar-se de elementos tecnológicos, alteram-se paradigmas de produção, distribuição e consumo de informação, o que pode ser chamado de jornalismo multiplataforma, que nada mais é do que a veiculação dos produtos jornalísticos em diversos meios, que insere o jornalismo em redes digitais. Para Prado (2011), o jornalismo multimídia é a junção de vídeos, áudios e diversos tipos de materiais que darão suporte a uma determinada reportagem.

Nesta pesquisa, utilizamos o conceito de convergência midiática que está atrelado ao jornalismo em redes digitais, fazendo uso de novos suportes e equipamento móveis que possibilitam a expansão de informações jornalísticas e, conseqüentemente, colocando o público como importante ferramenta no processo de fazer notícia, fato este que tem características de comunicação no ambiente digital.

A convergência, de acordo com os estudos de Firmino (2013) em relação às teorias de Jenkins (2009), possibilita ao público não apenas um processo de consumo, mas também

¹⁴ O conjunto de meios que permite acesso simultâneo a textos, imagens e sons de modo interativo e não linear, possibilitando fazer links entre elementos de mídia, controlar a própria navegação e, até, extrair textos, imagens e sons cuja seqüência constituirá uma versão pessoal desenvolvida pelo usuário.

de produção, compartilhamento e apropriação do conteúdo, reafirmando que a convergência ultrapassa o aspecto tecnológico. Firmino vai além, e ratifica ainda que cinco processos fazem parte do conceito de convergência, são eles: tecnológico, que está responsável pela dinâmica entre as plataformas midiáticas e as informações digitais. No processo econômico, compreende a junção de grupos midiáticos em uma mesma ação operacional e narrativa. Já na convergência orgânica ou social, a navegação se dá pelo universo informacional, o que podemos analisar na pesquisa, que conta com a interação do público/telespectador que ao mesmo tempo, além de assistir, contribui na produção da notícia através das plataformas digitais como o *WhatsApp*¹⁵ e perfis em mídias sociais. Por fim, as convergências cultural e global estão atreladas, respectivamente, ao compartilhamento de conteúdo e à veiculação de itens de entretenimento, como música e cinema.

Um dos conceitos defendidos por Jenkins (2009) é o conceito de narrativa transmídia, que permite a junção de diversos dispositivos em um único meio, de maneira que determinado conteúdo é inserido em diferentes ambientes midiáticos, o qual contribui diferentemente para cada produto, e ao mesmo tempo valoriza o todo. Dessa maneira, partimos da análise de que o processo de convergência é muito mais que aparatos tecnológicos, utilizando com isso o telejornalismo, para entender o desenvolvimento da interatividade por meios digitais (mídias sociais e *WhatsApp*), com a premissa de que os conteúdos e informações se complementam para que haja a convergência de ambos e interatividade entre meio de comunicação e público, que permitem diversos modos comunicacionais.

A partir da distribuição de novas plataformas midiáticas e dos meios digitais, o processo de convergência desencadeou novas maneiras de praticar o jornalismo, além de mudanças no ambiente de trabalho, que deixou de ser tradicional para se adequar às modificações ocasionadas pela reconfiguração da notícia no telejornalismo.

Diante disso, TV e internet possibilitam meios de interação em constante processo de mutação. Uma das razões de estudo é a reflexão do surgimento das interações que se mantêm diante dos fatores tecnológicos digitais, que de certa forma proporcionam ambientes mais interativos, mudando o relacionamento com a mídia.

De fato, não restam dúvidas de que os meios de comunicação tendem a aproveitar a evolução tecnológica. Essa realidade não é de hoje. A

¹⁵ É um aplicativo para troca de mensagens instantâneas, disponíveis nos sistemas operacionais Android e iOS.

imprensa modificou-se com a rotativa, o off-set e os meios de paginação eletrônica. O rádio transformou-se com a chegada do transistor e a “digitalização” não é ficção. A televisão transformou-se com a melhoria dos sistemas de transmissão por satélite e recebe grandes modificações com a interatividade, a alta definição, os sistemas digitais e a convergência com a informática e as telecomunicações. (SOUSA, 2007).

O termo interação tem diversos sentidos e pode ser relacionado com várias ciências. No campo da comunicação, a interação nada mais é que estímulo, que é investigado pelo processo de comunicação, no qual emissor e receptor interagem a partir de conteúdos. Vemos então que a reciprocidade entre pessoas ou objetos inseridos no contexto comunicacional será interpretada como interação. Na internet, por exemplo, esses indivíduos interagem em tempo real por diferentes meios, o que permite fazer parte de dois modos de interação e ao mesmo tempo distintos, não necessariamente face a face, porém possuem o mesmo caráter interativo.

Já sobre interatividade, vemos que esse conceito tem sido usado em diversos contextos, muitas vezes ligado ao marketing, por ser associado à participação. A definição de interatividade tem seu surgimento nos anos de 1970, na França, por meio de debates que abordavam os serviços informatizados através de uma rede de telecomunicações (SANTAELLA, 2004, p. 152).

De acordo com Santaella (2004), o campo da interatividade nos fala sobre o processo de dualidade que incide na produção ao trabalharem em conjunto. Santaella diz ainda que o termo interação é visto como o diálogo entre pessoas e o entendimento. Por fim, a autora retrata a interatividade como um processo comunicacional no qual em um simples diálogo são encontradas formas de manifestação de maior privilégio.

Nota-se então que a internet tornou-se o meio que possibilita uma maior visibilidade no processo de convergência e com isso, integra as mídias em apenas um suporte, objetivando que a televisão possa ser uma ferramenta interativa.

Partimos do pressuposto que a interatividade disponibilizada ao público, por meio dos dispositivos tecnológicos, garante uma interação entre os chamados atores sociais, estes, pertencentes ao meio digital das mídias sociais, auxiliam na produção e reconfiguração das novas práticas do telejornalismo.

3.1 PROSUMER E SUA INSERÇÃO NO TELEJORNALISMO

Perante o cenário atual, que tem como característica a convergência e o aumento da utilização das redes interativas, o processo de produção do telejornalismo pode ser entendido, deslocando-se o conceito denominado ‘inteligência coletiva’, defendido por Pierre Levy (2003), na qual a colaboração do público aumenta as práticas jornalísticas, dando dinamismo para as coberturas dos telejornais, uma maneira de ajudar o telespectador a compreender a grande quantidade informativa.

Toffler (2007) constrói o termo *prosumer*, desenvolvido a partir das atitudes do público, que atua como produtor e consumidor de informação. Essa denominação é deslocada para o telespectador, que atualmente se insere de forma ativa no processo de produção jornalística. No ciberespaço, o *prosumer* é a pessoa que compartilha conteúdos de acordo com suas necessidades e, a partir disso, cria possibilidades para que o profissional da comunicação desenvolva materiais e divulgue para a massa.

Como o termo é relativamente novo, o público *prosumer* é um tanto quanto “iniciante”, porém produz conteúdos de grande relevância em diversos dispositivos midiáticos. Observa-se então, que o telespectador tornou-se ativo a partir do momento que passou a produzir conteúdos.

O navegador deixou de ser somente receptor e se tornou produtor de informação após o fenômeno da Web 2.0¹⁶. Com isso, as emissoras passaram a dedicar cada vez mais espaço aos telespectadores, por meios de ambientes interativos, o que pode ser denominado de cultura da participação.

Mesmo como consumidor, o público possui a necessidade de participação, de forma ativa, na produção de conteúdos. Com isso, sua disposição em interagir é ainda maior, pois o telespectador não quer apenas assistir ao telejornal, mas também falar e ser ouvido. De acordo com esse contexto, Primo e Recuero (2003) explicam o processo de construção coletiva a partir de espaços interativos.

Ou seja, um mesmo texto multissequencial escrito por diversos colaboradores. A cada intervenção, o texto como um todo se altera. Após cada movimento, a produção se mostra diferente aos seus autores. Esse processo coletivo acaba por criar um espaço de debates, mantido através de negociações entre os participantes. Essa dinâmica ganha movimento a partir das modificações que constantemente alteram o escrito e, por que

¹⁶ O termo Web 2.0 designa uma segunda geração de comunidades e serviços oferecidos na internet, tendo como conceito a web e através de aplicativos em mídias sócias e tecnologia da informação.

não os próprios autores. Além disso, com a inclusão de novos links, outros caminhos se abrem, e a própria web se expande (PRIMO; RECUERO, 2003, p. 9).

Esse conteúdo coletivo é mais uma tendência da era digital, em que as práticas midiáticas colaborativas exercidas pelo público transformam a maneira tradicional de se fazer notícia, como podemos perceber no caso “Chacina de Belém”, o qual daremos mais destaque a seguir.

4. ANÁLISE EMPÍRICA E O PROCESSO DE INTERAÇÃO NO TELEJORNALISMO

4.1 METODOLOGIA

Este trabalho tem a finalidade de estudar o processo de colaboração dos telespectadores com o uso de dispositivos que permitem a interação, no caso “Chacina de Belém”, ocorrido na noite do dia 04 e na madrugada do dia 05 de novembro de 2014, em bairros periféricos da capital paraense. A pesquisa analisa as reportagens veiculadas pelo Jornal Liberal 1ª Edição, da TV Liberal, afiliada Rede Globo e SBT Pará, afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão. O estudo é qualitativo e exploratório, no qual busca-se explicar, por meio de coleta de dados, a interação proveniente das reportagens em questão. Além disso, o trabalho tem caráter explicativo, já que tem como base estudos bibliográficos e a interpretação de conteúdos cedidos pelas emissoras para a compreensão da análise.

A pesquisa é de aspecto empírico, pois, além da coleta de dados através das mídias sociais e dispositivos de mensagens instantâneas já citadas, também foram feitas visitas às emissoras, TV Liberal e SBT Pará, onde é feito o monitoramento e análise do processo de produção jornalística. As visitas realizadas nas duas primeiras semanas do mês de outubro, com as editoras-chefes, Josy Maciel e Eliana Amaral, do Jornal Liberal 1ª Edição e Jornal SBT Pará, respectivamente, foram importantes para que pudéssemos compreender como ocorre a interação entre público e as emissoras em questão. Além das editoras, foram entrevistadas as produtoras Ana Thaynara Cruz, do Jornal Liberal 1ª Edição, e Thais Damasceno, do Jornal SBT Pará.

As entrevistas, de acordo com Duarte e Barros (2006), permitem a abordagem de um determinado tema, a descrição de processos, análise e discussões. As perguntas possibilitam ainda que ocorra a identificação de problemas. No nosso caso, as entrevistas

tiveram caráter fechado, foram estruturadas em forma de questionário com perguntas iguais para os entrevistados, possibilitando estabelecer similaridade entre as respostas, para que haja então comparação entre as mesmas. As perguntas serviram também para que pudéssemos entender a quando, efetivamente, começou o processo de interação entre os telejornais e os colaboradores.

Para entendermos a interatividade existente neste meio, foi necessário participar de forma ativa de ambientes virtuais, com a atenção voltada aos perfis das mídias sociais e aplicativos já citados, analisando também a frequência do uso, as possibilidades e a capacidade de interação nestes meios. Amaral, Fragoso e Recuero (2011) afirmam que quando se trata de coleta de dados na internet, é de extrema importância levar em consideração um vasto conjunto de características de ambientes digitais, que vão desde o caráter ético até a apuração de conteúdos e dos dados adquiridos.

Com isso, busca-se compreender a internet como um dispositivo com caráter cultural, com a possibilidade de englobar diversos conceitos de uma determinada comunidade de ideias. Neste cenário, observa-se as mídias sociais e os aplicativos de mensagens instantâneas como ferramenta midiática, gerando então uma nova rotina e comunicações estratégicas com a utilização da análise dos perfis virtuais. Por conta disso, nosso trabalho retrata a readaptação no processo do fazer notícia a partir do surgimento de dispositivos interativos que permitem a relação entre o público, que utiliza a internet como meio de interação e às emissoras. O estudo também se refere às práticas de produção jornalísticas oriundas das mutações comunicacionais em relação ao uso das mídias sociais e aplicativos de mensagens instantâneas no ambiente de trabalho.

Com base nos estudos sobre o processo de produção do caso “Chacina de Belém”, ocorrido na noite do dia 04 e madrugada do dia 05 de novembro de 2014, em bairros periféricos de Belém, buscamos analisar o processo de colaboração a partir da interação entre o público e os produtores dos telejornais, Jornal Liberal 1ª Edição e SBT Pará, da TV Liberal e do Sistema Brasileiro de Televisão, respectivamente. De acordo com Recuero (2011), ao destacarmos os grupos de produtores e o público/colaborador compreendemos também a estrutura de ambos. Ou seja, de um lado temos os produtores, que sofreram mudanças na rotina do fazer notícia a partir da colaboração do público, e do outro lado temos colaboradores (telespectador), que passaram a interagir de forma ativa, pautando assuntos para o telejornal.

O critério de escolha das emissoras justifica-se pela grande possibilidade garantida ao público de interação em sua programação, através de aplicativos, perfis em mídias sociais, mensagens instantâneas e *e-mails*.¹⁷

4.2 ANÁLISE DA COBERTURA DA “CHACINA DE BELÉM” SOB O OLHAR DO JORNAL LIBERAL 1ª EDIÇÃO

Os telejornais regionais, cada vez mais, possibilitam uma maior interação do telespectador com o produtor, aproximando-os das informações locais. Nesta etapa da pesquisa, faremos uma análise do que foi exibido pelo Jornal Liberal 1ª Edição, no dia 05 de novembro de 2014, sobre o caso “Chacina de Belém”, ocorrido na noite do dia 04 e na madrugada do dia 05 de novembro de 2014.

De acordo com a editora-chefe do Jornal Liberal 1ª Edição, Josy Maciel, em 2015, com o acesso maior em relação à internet, a TV Liberal sofreu algumas mudanças na maneira de produzir informações. Em anos anteriores, a emissora não possuía dispositivos modernos capazes de proporcionar a interação do público com o produtor de maneira instantânea. O contato ocorria por meio de suportes tradicionais, como telefones, *e-mail* e a Central de Atendimento ao Telespectador, na qual a demanda era realizada pela produção e também por uma secretária, que recebia as sugestões de pauta e em seguida repassava as informações para os produtores dos telejornais.

Com a intenção de aproximar cada vez mais os telespectadores, a TV Liberal lançou, no dia 05 de outubro de 2015, o aplicativo para dispositivos móveis “VC na TV Liberal”, disponível em sistemas operacionais como *Android*¹⁸ e *IOS*¹⁹. O aplicativo foi lançado com a finalidade de proporcionar mais um canal que possibilitasse o envio de conteúdos por meio de fotos, vídeos e textos de maneira rápida, prática e dinâmica. Além disso, o aplicativo garante ao público sigilo e segurança no envio do material.

Em 2015 essa realidade mudou completamente. Passamos a ter dois números, por onde o telespectador começou a fazer seu contato com a produção através de *WhatsApp* e o aplicativo. Tudo mudou completamente. Recebemos muito material através dessas ferramentas. São mais de mil mensagens diárias, só pelo tablet (que é onde funciona o *WhatsApp*). A relação é outra. O telespectador acaba se sentindo mais próximo e fica nos municiando de informações a todo o momento. Isso foi

¹⁷ É um método que permite compor, enviar e receber mensagens através de sistemas eletrônicos de comunicação.

¹⁸ Sistema operacional para dispositivos móveis

¹⁹ Sistema operacional para dispositivos móveis



um ponto muito positivo, falando do ponto de vista da produção. A partir desse momento, o público torna-se repórter e possui o poder de informar, tendo a possibilidade de colaborar com o jornalismo da TV Liberal. (ANA THAYNARA CRUZ, PRODUTORA DA TV LIBERAL)

No caso da “Chacina de Belém”, ocorrido em novembro de 2014, a emissora ainda não possuía o dispositivo citado anteriormente, fazendo com que todo o material enviado pelo público fosse recebido pelo *WhatsApp* pessoal dos produtores. De acordo com a produtora do Jornal Liberal 1ª edição, Ana Thaynara Cruz, no dia do ocorrido, o público colaborava enviando informações por meio de telefone fixo e mensagens instantâneas (*WhatsApp*), porém, as informações não davam conta do que realmente havia acontecido e do que viria ocorrer. A produtora afirma ainda que as primeiras informações relatavam a morte de um policial militar, identificado como Marco Antônio da Silva Figueiredo, no bairro do Guamá, em Belém. A morte do PM causou, posteriormente, uma “onda” de assassinatos nos bairros da Terra Firme, Guamá, Marco, Jurunas, Sideral e Tapanã, todos localizados na capital paraense. Ana Thaynara ressalta que a equipe de produtores não possuía informações sobre o histórico da vítima, *“ficamos mais um tempo na TV apurando a situação. Até então, somente o PM havia sido morto. Conseguimos confirmar e, logo depois, ficamos sabendo que ele poderia ser integrante de um grupo de milícia”*.

Após a morte do PM, ainda na noite de terça-feira, dia 04 de novembro de 2014, começaram a surgir nas mídias sociais conteúdos que relatavam estar acontecendo uma “chacina” em diversos bairros da cidade, e que dezenas de pessoas já haviam sido assassinadas. Vários vídeos e áudios começaram a ser publicados e compartilhados na internet e entre a população de Belém, conteúdo este que continha supostos tiros sendo disparados pelos possíveis executores. Além disso, alguns perfis no *Facebook*²⁰, atribuídos a policiais, chamavam PM’s para a “chacina”. Diversos áudios compartilhados via *WhatsApp* reproduziam a voz de uma pessoa pedindo para que a população não saísse de suas casas, pois iria haver uma “limpeza” na área. Como comprovamos a seguir em um áudio distribuído na madrugada do dia 05 de novembro de 2014: *“Senhores, façam o que for preciso, mas não vão para o Guamá, Canudos, nem para a Terra Firme hoje à noite. Mataram um policial nosso e vai ter uma “limpeza” na área. É uma questão de*

²⁰ É uma ferramenta lançada em 2004 em que usuários criam perfis que contem fotos e listas de interesses pessoais. Serve também como uma forma de interação entres os membros.

segurança dos senhores, tá?!”

Já pela manhã, no dia 05 de novembro, outros áudios foram divulgados e atribuídos a supostos criminosos, que reproduziam as seguintes informações: *“Matar todo mundo. Matar esses bichos da Federal, do Cesupa, da Unama, Esamaz, Iesam. A gente vai matar é todo mundo”*.

O conteúdo estudado, sobre a “Chacina de Belém”, exibido no dia 05 de novembro de 2014, pelo Jornal Liberal 1ª Edição, da emissora TV Liberal, afiliada à Rede Globo, mostra a repercussão da “onda” de execuções ocorridas na noite do dia 04 e na madrugada do dia 05 de novembro. Do tempo total de duração do telejornal, cerca de 38’, 23’10” foram destinados apenas para a cobertura do caso. Na abertura do jornal a apresentadora destaca o ocorrido, atualizando o número de mortos de acordo com uma fonte oficial, neste caso, a Secretaria de Segurança do Estado do Pará (Segup).

Em seguida, a âncora chama o repórter que está em um *link* no Comando Geral da Polícia Militar. O jornalista atualiza as informações após uma coletiva de imprensa ocorrida entre representante da Polícia Militar, Polícia Civil, Promotoria Militar e Segup. A coletiva destacou que um suposto grupo teria envolvimento nas mortes, que aconteceram após o assassinato do policial militar Marcos Antônio Figueiredo, conhecido como cabo *Pet*. As mortes foram associadas devido às mesmas características dos crimes, que tinham sinais de execução. Os representantes dos órgãos de segurança ressaltaram ainda que o cabo *Pet* estava afastado de suas funções por orientações médicas e por ser investigado pela polícia pelo crime de homicídio.

Posteriormente, o repórter que está no *link* chama um VT (*videotape*), que destaca detalhes do assassinato do policial e enfatiza o silenciamento dos moradores do bairro, que não quiseram gravar entrevistas. O VT conta com a sonora de uma fonte oficial, em que é explicado o trabalho de investigação iniciado após o crime. Em seguida, o repórter que está no *link* destaca a repercussão da “onda” de assassinatos nas mídias sociais e aplicativos de mensagens instantâneas como *WhatsApp*. No estúdio, a apresentadora pede para que o público colabore com comentários sobre a “chacina”, disponibilizando meios interativos como *e-mail* e telefones da emissora. Com isto, podemos perceber o processo de convergência usado pela TV Liberal, no qual afirma o teórico Henry Jenkins:

A circulação de conteúdos – por meio de diferentes sistemas de mídia, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais – dependem fortemente da participação ativa dos consumidores. Meu argumento aqui será contra a ideia de que a convergência deve ser

compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. (JENKINS, 2009, p. 29)

Após a sugestão de envio de comentários do público, solicitado pela âncora do telejornal, percebemos que a apresentadora possui um *tablet*²¹, onde são recebidos e lidos os comentários da população, fato este que atribui mais dinamismo para o jornal, além de aproximar e fidelizar o telespectador. Além disso, o apresentador pode ler os comentários que achar interessante no momento da apresentação, sem interferência, muita das vezes, da figura do editor do telejornal. Como podemos perceber a seguir, a apresentadora faz a leitura dos comentários enviados:

A Mariana Nascimento, do bairro do Telégrafo, diz que os vizinhos todos estão desesperados, falando em toque de recolher. E que ontem foi uma noite muito assustadora e ninguém quer mais sair de casa. Já o Carlos, do bairro do Marco, também relata que estão falando em mais assassinatos hoje e pergunta o que vai ser feito para intensificar o policiamento. (PRISCILA CASTRO, JORNAL LIBERAL 1ª EDIÇÃO, 2014)

Percebemos que a todo o momento a apresentadora retrata toda a repercussão dos crimes nas mídias sociais e cita alguns comentários como forma de indagar por meio de entrevista a fonte oficial, neste caso o corregedor geral da Polícia Militar, Vicente Braga. A âncora questiona sobre o andamento das investigações e pergunta se há policiais militares envolvidos nos assassinatos. Analisamos também a preocupação do corregedor na propagação de informações indevidas nas mídias sociais, onde foram usados fotos e vídeos de crimes que ocorreram em outros estados do país. Além disso, o representante do órgão de segurança pública enfatiza que os compartilhamentos desses conteúdos serão investigados pelo setor de crime cibernético da Polícia Militar.

De acordo com a produtora do Jornal Liberal 1ª edição, o processo de apuração no caso da “Chacina de Belém” foi minucioso, pois a todo o momento a produção recebia um grande número de materiais, que chegavam de diferentes lugares. Conteúdos como vídeos e fotos retratavam as supostas mortes que estavam acontecendo em Belém, além de áudios com gravações de prováveis policiais e criminoso. Todas essas informações precisavam ser checadas, para em seguida se constatar, ou não, a veracidade dos fatos. “*Todas as fotos,*

²¹ É um tipo de computador portátil, de tamanho pequeno, de espessura fina e com tela sensível ao toque.

vídeos, mensagens, áudios... tudo o que recebemos é checado várias vezes, com várias fontes diferentes, até termos certeza de que o fato é verdadeiro".

Para Lage (2003), “a apuração, fundada no cultivo das fontes e nas entrevistas, parece insuperável. Tudo o que discute, na verdade, é ética – algo determinante, mas externo ao processo produtivo. O computador chegou para mudar isso. Estabeleceu diferencial entre jornalista que domina a máquina e o que não domina – isto é, entre uma nova geração e uma geração antiga”. O autor destaca ainda que a internet passou a fazer parte da gestão das grandes empresas de comunicação, possibilitando a alteração das relações sociais midiáticas. Portanto, além de alterar o modo de nova produção jornalística, altera também, as informações veiculadas. Nilson Lage afirma também que “outro obstáculo é a confiabilidade: não se sabe se o que está na internet é verdadeiro, se resulta de um trabalho sério, de mera especulação ou fantasia”.

Para a editora do telejornal, a participação do público ocorre a partir do momento em que o mesmo envia perguntas, sugestão de pautas e vídeos. Ainda segundo a editora, o telespectador quer participar de forma ativa da notícia.

Acreditamos que as pessoas querem se ver na televisão, querem ouvir o nome delas e ver os seus problemas serem exibidos/resolvidos. Aproveitamos uma tendência mais do que comprovada em todas as redes sociais. O público não quer apenas ser o alvo da notícia, ele quer “fazer a notícia” e participar dela. (JOSY MACIEL, EDITORA-CHEFE DO JORNAL LIBERAL 1ª EDIÇÃO)

Josy Maciel reforça o cuidado no momento de realizar uma apuração. *“Se por um lado a notícia chega até a redação cada vez mais rápida, por outro, o nosso trabalho deve ser ainda mais rigoroso em checar a veracidade dos fatos. Este é o diferencial do nosso trabalho e também um exercício diário”.*

Já Ana Thaynara explica que mesmo com uma grande quantidade de materiais que chegaram à redação do telejornal, nenhum foi veiculado, restrição essa que está ligada às questões editoriais da empresa. Para Foucault (2013), esse processo é configurado como um aspecto de interdição, silenciamento ou da exclusão desses conteúdos, pois a produção do discurso é controlada pelo poder, que é explicado como um dispositivo que tem o objetivo de exercer uma determinada força. No ocorrido de novembro de 2014, o poder é atribuído à editoria do Jornal Liberal 1ª Edição, que controlou toda a informação que foi veiculada.

Foucault reforça ainda que em nossa sociedade existem vários tipos de

procedimentos de exclusão. No caso da “chacina” fica evidente que esse procedimento foi o de interdição.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. O discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar. (FOUCAULT, 2013, P. 10)

Os discursos empregados no telejornal revelam as muitas vozes constituídas na docilização do corpo. Podemos perceber este fato em todo o processo de produção da informação, em que ocorre a seleção do que, posteriormente, irá se tornar notícia e em seguida a sua veiculação.

De acordo com Foucault (1999), a docilização dos corpos nos faz refletir sobre como este processo é empregado nas redações. O profissional “foca”, termo utilizado para os jornalistas iniciantes, deve ter o seu corpo inserido em uma microfísica para então realizar suas funções.

Devido às rotinas habituais de uma determinada redação, o produtor é constantemente exposto ao processo corporativo e mercadológico da empresa. Com isso, esse profissional aceita a correlação de poder imposto nas redações, a partir do uso de discursos. Desta forma, o ramo comunicacional proporciona que identidades sejam atualizadas, excluídas ou interdidas.

O profissional da comunicação está constantemente envolto pela produção de notícias e pelo exercício do poder empregado sobre o que opta ou não em dizer. Neste caso, a ordem do discurso que a mídia produz “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída, por certo número e procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório...” (FOUCAULT, 2013,p.08).

Outro fator preponderante no processo de interdição e na seleção dos materiais está relacionado à Teoria do Jornalismo denominado *gatekeeper*. Segundo Traquina (2005), a teoria explica que “O termo *gatekeeper* refere-se à pessoa que toma uma decisão numa sequência de decisões”. Essa ação é empregada pelo profissional de comunicação, que passa a definir o que deve ou não ser publicado. O *gatekeeper* está relacionado também à quebra do paradigma de imparcialidade e à vontade de verdade na veiculação dos conteúdos.

4.3 O JORNAL SBT PARÁ E A REPERCUSSÃO DA “CHACINA DE BELÉM”

Diante da incorporação de novos dispositivos que permitem uma interação maior entre o público e o telejornal, a televisão passa por um processo de adaptação. A partir do momento que mídias sociais e aplicativos de mensagens instantâneas passam a ser usados pelo público, como maneira de colaborar na produção jornalística, surge uma nova forma de fazer notícia.

A TV é mais do que um dispositivo tecnológico, ela se utiliza de enunciações que geram efeitos na forma de apresentar os conteúdos. Além disso, traz à tona assuntos polêmicos como o caso da “chacina”.

De acordo com Foucault, o dispositivo televisivo se utiliza do termo “verdade” durante a exibição dos telejornais. Este fato está intimamente ligado ao exercício do poder que a televisão exerce.

Os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores. Dessa maneira, as três grandes instâncias que Foucault distingue sucessivamente (Saber, Poder e Subjetividade) não possuem, de modo definitivo, contornos definitivos; são antes cadeias de variáveis relacionadas entre si. (DELEUZE apud SENA; 1990, p.01)

Nesta etapa do trabalho vamos estudar o processo de produção jornalística do caso “Chacina de Belém”, ocorrido na noite do dia 04 e na madrugada do dia 05 de novembro de 2014, em diversos bairros periféricos de Belém. O caso foi veiculado pelo Jornal SBT Pará, do Sistema Brasileiro de Televisão. A escolha pelo SBT se deu pelo fato da emissora ter se diferenciado, da TV analisada anteriormente, na forma do discurso empregado na exibição dos materiais enviados pelo público.

De acordo com a editora-chefe Eliana Amaral, a emissora começou a usar os dispositivos móveis em 2013, “*como uma ferramenta de interação com o público que além de sugestão de pautas, passou a nos dar feedbacks²² do programa*”. Para a editora, a participação do público no telejornal, por meio do uso da internet, foi fundamental para que a empresa pudesse criar outros perfis virtuais, nos quais além de sugerir, esse telespectador tem a possibilidade de rever determinados conteúdos. Hoje o SBT Pará possui mais de um

²² Informação que o emissor obtém da reação do receptor à sua mensagem, e que serve para avaliar os resultados da transmissão.

milhão de seguidores em sua página no *Facebook*, além de ter uma conta ativa no *Twitter* e *YouTube*²³.

Nosso conteúdo de análise se restringe a dois VT's veiculados no dia 05 de novembro. Esse material deu ênfase à repercussão do caso nas mídias sociais e no aplicativo de mensagem instantânea (*WhatsApp*). Neste trabalho não tivemos acesso ao Jornal SBT Pará na íntegra. Por conta disso, interpretaremos somente VT's, como mencionado anteriormente.

O primeiro vídeo analisado relata as primeiras informações relacionadas à morte do cabo *Pet*. O *off*, texto feito pelo repórter, no início da matéria, mostra imediatamente a colaboração do público através de vídeos, gravados por câmera de celular, que supostamente foram feitos na periferia de Belém. Uma das imagens mostra uma pessoa, que estaria ferida, sendo socorrida pela população.

Outro vídeo exhibe um jovem morto na Rua dos Caripunas, segundo a repórter. Em um determinado momento, a jornalista enfatiza vídeos de carros circulando pelas ruas da cidade. Além disso, são reproduzidos áudios de criminosos, compartilhados no *WhatsApp*, comemorando a morte do PM. Como podemos ver a seguir: “*Muita bala só na cara, deixaram desfigurado. Todo mundo tá ligado que o PET era safado*”. A matéria exhibe ainda *print's*²⁴ de mídias sociais em que supostos policiais estariam convocando para uma “chacina” na área. Além dos *prints*, a repórter usa áudio de um suposto policial que sugere que a população não saia de casa. É importante ressaltar que a todo o momento o *off* da repórter é coberto com vídeos e áudios enviados pelos telespectadores.

A produtora do Jornal do SBT Pará, Thais Damasceno, relata de que maneira a emissora selecionou os materiais.

Recebemos vários materiais pelo *WhatsApp*. A ideia era juntar tudo o que a gente tinha e depois ir fazendo a triagem de acordo com a confirmação dos órgãos de segurança. Tinha muita coisa que era verdade, mas também teve muita gente que se aproveitou da situação pra espalhar mais medo pelas redes sociais, então a gente tinha que ter esse cuidado na chegada desse material na redação. (THAIS DAMASCENO, PRODUTORA DO JORNAL SBT PARÁ).

Assim como ocorreu no Jornal Liberal 1ª Edição, o telejornal SBT Pará também reafirmou, por meio de um representante de segurança do Pará, que os conteúdos propagados nas mídias sociais “*causaram pânico na população*” e que esses

²³ Site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet.

²⁴ É uma captura em forma de imagem de tudo que está presente em uma tela.

compartilhamentos passariam por investigações para checar a veracidade das informações.

Percebemos com isso, que a todo o momento são veiculadas imagens de grande impacto, mostrando a valorização dos critérios de noticiabilidade. Podemos notar esses critérios no momento em que a repórter seleciona vídeos aos quais, em seu entendimento, são merecedores de estar contribuindo para o processo de fazer notícia.

Onde quer que haja circulação de discursos, lá estarão as relações de poder. Não podemos ignorar que o homem é capaz de recriar criativamente a história, o que torna possível, sim, tomar o poder, subvertê-lo, modificá-lo, encontrar novos caminhos. Mas também, não nos esqueçamos de que não se publica um livro, não se realiza uma pesquisa, não se coloca um site na internet, nem mesmo se consegue audiência em uma praça pública fora das teias do poder. (NEVES, apud SENA, 2009, p. 105)

De acordo com Traquina “o jornalista relata, capta, reproduz ou transmite o acontecimento” (TRAQUINA, 2005, p. 62.). O profissional também coopera na construção da realidade social.

Com isso, torna-se importante usar elementos que contribuam para o trabalho jornalístico no processo de seleção dos fatos. Como podemos notar no caso dos valores-notícias, que para Wolf (2001) é conceituado como uma ferramenta de noticiabilidade, permitindo ao profissional compreender e avaliar quais materiais devem ir para o telejornal.

Os valores-notícias são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja presença ou ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são suas possibilidades de ser incluído. (WOLF, 2001, p. 196).

Conforme afirma Traquina (2005), os valores-notícias podem ser entendidos como o “óculos” do profissional da comunicação, pois eles permitem que os jornalistas avaliem quais são os acontecimentos de maior importância para o público.

No segundo VT, o repórter entrevista a irmã de uma vítima. Ela revela, de acordo com relatos de testemunhas, que homens em uma motocicleta abordaram a vítima e efetuaram os disparos com uma arma de fogo. A mulher faz questão de enfatizar que seu irmão não tinha envolvimento com a criminalidade, como observamos na transcrição a seguir: “*O meu irmão era inocente. O meu irmão nunca teve passagem pela polícia. Ele trabalhava desde os oito anos de idade*”.

Podemos perceber que o discurso empregado pela irmã da vítima é uma forma de justificar que o jovem não era aquilo que a sociedade rotula. Para Foucault (2013), isto é

explicado como a subjetivação dos seres, na qual o fato do jovem ser de classe social baixa e por morar em bairro periférico, torna-o um sujeito marginalizado. Foucault ressalta ainda que a situação descrita acima está inserida em um contexto histórico, sendo constantemente atualizado no discurso empregado pelos jornalistas.

No decorrer do VT o repórter relembra os acontecimentos que ocasionaram a “chacina”, fazendo novamente uso de vídeos e *print's* de postagem em mídias sociais. O jornalista ainda reproduz um áudio em que um policial, supostamente, estaria fazendo convocação para uma “limpeza” na área. Após a reprodução do material, o repórter entrevista um policial militar, o mesmo afirma que a convocação para a “chacina” é necessária para combater a criminalidade. Foucault nos faz pensar, em relação ao telejornalismo, que o discurso do entrevistado deve se adequar, de forma consciente ou não, àquilo que foi dito anteriormente pelo jornalista. Percebemos isso no momento em que um determinado policial apresenta uma evidência que corrobora com a situação. O estudioso francês explica ainda que todo esse processo é um jogo de saber e poder, no qual se estabelece uma linguagem discursiva que acompanha o repórter em todo o processo de produção das matérias.

Eliana Amaral afirma que o telejornal viu a necessidade de se adaptar as novas ferramentas de interação para estar mais próximo do telespectador.

Começamos a fazer esses *lives*²⁵ e *videoselfies*²⁶ este ano. Já as chamadas com os destaques do jornal há mais tempo; cerca de três anos. Começamos a fazer porque se tornou uma tendência nas redes sociais. Se tem um público que nos acompanha por elas, precisamos nos adaptar às ferramentas disponibilizadas, que mudam constantemente. O *feedback* quase sempre é positivo. (ELIANA AMARAL, EDITORA-CHEFE DO SBT PARÁ, 2016)

Observamos então que o processo de interação a partir de mídias sociais ocorre tanto no Jornal Liberal 1ª Edição quanto no Jornal SBT Pará. Entretanto, foram exemplificados no decorrer do estudo que a colaboração nos telejornais, permitiu que a produção de notícias ultrapassasse os métodos tradicionais, possibilitando maior proximidade entre público e mídia. Tais ferramentas passaram a ser consideradas canais de ligação do profissional de comunicação, que passa a reconfigurar o modelo da notícia com a colaboração dos atores sociais. Cada vez mais as pessoas têm consciência da importância

²⁵ Vídeo ao vivo disponibilizado nas mídias sociais.

²⁶ Chamada de vídeo, que permite ao utilizador ver e ser visto pelo interlocutor enquanto fala.

das redes sociais como espaços de visibilidade na produção de conteúdo e com isso, as emissoras de telejornais se adequam às transformações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, o tema abordado mostra as importantes mudanças pelas quais a televisão está passando com a utilização de novos dispositivos que tornam a colaboração mais recorrente. Salienta-se a análise do crescimento da interação do público, via internet, com as emissoras. É importante destacar que os domínios profissional e organizacional trabalham em conjunto, haja vista que as emissoras passaram a se utilizar de conteúdos dos telespectadores, garantindo o fortalecimento da correlação entre os telejornais e seu público.

O novo processo de se utilizar de materiais cedidos pelos atores sociais permite a criação de novos paradigmas na produção jornalística, o que gera novos formatos de apuração e veiculação das notícias. A internet possibilita, seja por meio de computadores ou dispositivos móveis, um novo formato de cognição, ou seja, adquirir novos conhecimentos de forma mais didáticas, garantindo que a opinião pública se torne mais precisa.

O público vê nas ferramentas de busca uma forma constante de obter informações, de maneira que cada um cria versões de diferentes ângulos.

No momento em que um determinado telespectador disponibiliza materiais para a veiculação nas emissoras, a possibilidade de gerar consequências à população torna-se maior, visto que um pequeno compartilhamento de informações pode ser tornar pauta e destaque dentro do telejornal.

Observa-se então que as mídias sociais e os aplicativos de mensagens instantâneas passaram a ganhar maior destaque na produção do telejornalismo, pela possibilidade de interação a nível mundial. De acordo com nossa análise, verifica-se que a produção do caso “Chacina de Belém” se utilizou dessas ferramentas comumente conhecidas para entretenimento, ultrapassando paradigmas criados. Ainda segundo análise, verificamos que a facilidade e propagação de informações, no caso do objeto em questão, possibilitou uma mudança na forma de se fazer notícia.

O estudo, de modo geral, mostra a importância de haver conhecimento dos novos

formatos disponibilizados que influenciam no dia-a-dia do trabalho jornalístico, trabalho este que passou a não se limitar a ter características de um meio coletor de informações. Este fenômeno merece destaque e análise contínua, pois trata de ambientes com vasto nível de interação, na qual o telespectador possui voz ativa no processo de veiculação e na sugestão de conteúdos produzidos, tornando-se um novo gênero, com novas possibilidades. Com isso percebemos que o novo meio colaborativo passa por reformulação na construção e veiculação da notícia.

Além disso, podemos analisar o discurso empregado no modo em que os telejornais estudados, Jornal Liberal 1º Edição e Jornal SBT Pará, construíram a narrativa do caso “Chacina de Belém”. No Jornal Liberal 1º Edição, percebemos o que Foucault (2013) analisa como um processo de interdição, silenciamento ou exclusão, em que não houve veiculação de conteúdos disseminados nas mídias sociais e aplicativos de mensagens instantâneas, o que podemos inferir que o discurso é controlado pelo poder e, conseqüentemente, exerce uma determinada força. Já no Jornal SBT Pará, analisamos em um dos VT’s a subjetivação dos seres, em que o sujeito é marginalizado, e que esse discurso é constantemente atualizado pela mídia (FOUCAULT, 2013).

Este trabalho possui também representatividade de avanços nos meios de comunicação, devido sua inserção no formato de comunicação digital, domínio que retrata questões singulares e importantes, tal como a utilização de novos modelos midiáticos no ambiente comunicacional, anteriormente conhecido como comunicação tradicional.

REFERENCIAL

ALMEIDA, Edileuson. **A TV na Amazônia: uma história pelas margens.** Roraima: 2011

BÓRIO, Pâmela Monique Cardoso. **PROSUMER: o novo protagonista da comunicação.** João Pessoa, 2014.

CABRAL, Águeda Miranda. A travessia do analógico para o digital. In: SILVA, Fernando Firmino da; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Org.). **Metamorfoses Jornalísticas 2: a reconfiguração da forma.** Santa cruz: EDUNISC, 2009. p. 174- 193.

CANNITO, Newton Guimarães. **A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio.** São Paulo: Summus, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Editora paz e terraS/A, 2003.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de. **Convergências midiáticas: produção ficcional**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio ((org.)). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. Atlas, 2015. 380 p

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. Michel. **A ordem do discurso**. 23.ed. São Paulo: Loyola 2013.

_____. **Vigiar e punir**. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Identidade: objeto ainda não identificado?. São Paulo**.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: Manual de Telejornalismo**. 2 Ed. Rio de Janeiro:Elsevier, 2006.

PEREIRA, João Carlos (Org.). **Memória da televisão paraense e os 25 anos da TV Liberal**. Belém: SECULT; ORM, 2002. 116 p.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PRIMO, Alex e RECUERO, Raquel da Cunha. **Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da Wikipédia**. Revista da FAMECOS, Porto Alegre. n.22, 2003.

SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco; GOULART, Ana Paula. **História da televisão no Brasil: do início até aos dias de hoje**. . São Paulo: Contexto, 2010. 347 p.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____.**Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SENA, Arcângela. **O indício notícia na televisão, corpos de memórias coletivas**. Belém, 2015.

SILVA, Arlindo. **A Fantástica História De Silvio Santos**. Ed. Brasil: 2000.

SILVA, Fernando Firmino da; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Org.). **Metamorfozes Jornalísticas 2**: a reconfiguração da forma. Santa cruz: EDUNISC, 2009. p. 154-173.

SOUSA, Jorge Pedro. **Jornalismo Online**. 2007. Disponível em <<http://www.ipv.pt/forumedia/5/13.htm>> Acesso em: 22 de janeiro de 2013.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Trad. João Távora. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TORRES, Hideide Brito. **O telejornalismo global e suas relações discursivas a partir de Foucault**. Rio Grande do Sul: 2010.

TV LIBERAL. Disponível em:

<<http://redeglobo.globo.com/pa/tvliberal/noticia/2015/10/tv-liberal-lanca-aplicativo-para-celular-vc-na-tv-liberal.html>> Acesso em 17/11/2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teoria da Comunicação**. Tradução: Editora Presença. Lisboa. 2001.